

# Questão de competência

O Presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou a inauguração da fábrica de ônibus e de caminhões da Volkswagen em Resende, no Rio de Janeiro, para enaltecer a competência com que empresários estrangeiros e brasileiros têm demonstrado nos novos investimentos em curso no País. E lembrou que já não se pede mais o protecionismo estatal do passado, pois a economia de hoje é cada vez mais competitiva, e quanto menos o Estado se intrometer melhor será o resultado para a sociedade como um todo.

De fato, os investidores nacionais e de outros países têm dado uma grande prova de confiança, de coragem e de competência em seus passos no País nos últimos tempos. Grandes grupos industriais estão atualmente em processo de construção de fábricas pesadas em diversos Estados. A indústria nacional já estabele-

lecida, por sua vez adapta-se aos novos tempos de competição com produtos estrangeiros, depois que ficou exposta à dura concorrência com a queda das tarifas protecionistas artificiais do passado.

Como sempre, há quem pense que o Brasil vive fase inédita em comparação com outras nações, o que não é verdade. A única novidade é que o Brasil chegou atrasado e ainda votou uma Constituição em 1988 que, se tivesse sido promulgada no final do ano seguinte, após a queda do Muro de Berlim, certamente outra seria a sua concepção, menos estatizante e menos paternalista e assistencialista. Os constituintes de então preocuparam-se muito com o varejo interno e se esqueceram da onda de liberalização econômica que varria o mundo. Resultado: a Carta de 88 deixou o País amarrado, quando deveria ter sido a grande bússola da moderni-

zação da sociedade e de redução do tamanho da máquina estatal.

A palavra de FHC em Resende sinaliza claramente com os novos tempos que o País está vivendo. O protecionismo estatal ficou para trás. Hoje, mais que nunca, aplica-se a velha e bem conhecida máxima empresarial segundo a qual “quem não tem competência, não se estabelece”. E quem não procurar a eficiência, a competitividade, a qualidade total de seus produtos ou de seus serviços, mesmo se for estabelecido há muito tempo não sobreviverá no mundo cada vez mais competitivo do futuro e diante de um universo de consumidores cada vez mais exigentes. Esse é o caminho da prosperidade e da estabilidade, que o País tem procurado trilhar com segurança, na convicção de que é um caminho sem retorno às práticas viciadas do passado.